



O papel da educação ambiental no desenvolvimento e inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA)

Giovana Vieira Romita*, Lubienska Cristina Lucas Jaquiê Ribeiro

Resumo

Os principais obstáculos para a maioria das pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são a comunicação e interação social, estas limitações agravam a sua dificuldade em ser incluído socialmente. Diante da particularidade de cada pessoa e das diferenças comportamentais manifestadas no espectro autista surge a necessidade da busca por novos métodos de intervenção que possam contribuir no progresso do tratamento e na inclusão. A pesquisa resulta na proposta de uma nova metodologia: ROMITA, que unifica práticas pedagógicas e psicossociais utilizando como ferramenta principal a educação ambiental. A metodologia é dividida em níveis para possibilitar a construção de práticas mais direcionadas e inclusivas para atender o espectro. Acredita-se que o papel da educação ambiental trata-se do diferencial metodológico para a inclusão das pessoas no TEA atuando na compreensão dos fatores ambientais e sociais e nos sentimentos que são gerados por estes, possibilitando o autoconhecimento e a estimulação dos sentidos ofertados pelo próprio ambiente e/ou com a simulação dessa realidade.

Palavras-chave:

Educação ambiental; TEA; Inclusão social e Metodologia de intervenção.

INTRODUÇÃO

A importância da educação ambiental como um meio de ensino é que esta promove o reconhecimento de cada ser como parte integrante do meio trazendo um sentimento de pertencimento e inclusão, desenvolvendo assim a consciência, o respeito com si e com o próximo e a reflexão do nosso papel no ambiente em que vivemos (SILVA, 2018). Desse modo a educação ambiental facilita o rompimento de barreiras geradas pelo preconceito, podendo ser considerada um dos principais veículos de inclusão na educação formal e informal.

Segundo Mantoan (2017) a inclusão se refere a um ato que engloba pessoas que normalmente não se enquadram em um padrão estabelecido pela sociedade. Essas pessoas muitas vezes são caracterizadas por alguma deficiência, física ou intelectual, mas elas também representam o ser humano, afinal todos são diferentes, únicos e com anseios próprios.

No Brasil segundo o Censo de (2011), aproximadamente 24% da população possui algum tipo ou mais de deficiência. Representando um total de 45.606.048 milhões de pessoas que necessitam por muitas vezes um apoio maior para a inclusão na sociedade. Um dos exemplos pertencentes a porcentagem citada é o transtorno do espectro autista. No Brasil baseando-se em 190 milhões de pessoas estima-se um total de 2 milhões de pessoas com autismo (CARVALHO, 2018).

O transtorno do espectro autista não tem cura, entretanto as intervenções psicossociais, como as terapias multidisciplinares e métodos de aprendizagem são tratamentos que auxiliam no desenvolvimento, inclusão social e qualidade de vida dos autistas de modo a diminuir os desafios decorrentes as suas limitações (LORDE *et al*, 2018). Diante da particularidade de cada ser e das diferentes manifestações do espectro autista surge a necessidade da busca por novos métodos de intervenção que possam contribuir no progresso do seu desenvolvimento.

Levando em consideração o cenário atual e a crescente incidência de pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista a educação ambiental surge como um meio alternativo de inclusão, ensino e de desenvolvimento, já que esta não se restringe a um aprendizado individual de conteúdos escolares, mas numa relação de ensino multidisciplinar de pertencimento do mundo, ensinando a relação individual, conjunta e as interações com o meio.

OBJETIVO E METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi realizada por meio de leituras, estudos e análises de cunho bibliográfico, com o intuito de propor a criação de uma nova proposta pedagógica aos autistas que esteja associada ao uso de práticas da educação ambiental. Tal proposta estará diretamente vinculada às metodologias de intervenção psicossociais já existentes.

Dentro desta metodologia que terá como base a educação ambiental, objetiva-se a busca e/ou criação de uma proposta metodológica que estimule e desenvolva os sentidos da pessoa diagnosticada com o TEA, de um modo adaptado para corresponder as manifestações de hipossensibilidade quanto a hipersensibilidade de forma a identificar o papel da educação ambiental no processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à proposta metodológica nota-se a importância da sua divisão em níveis, tanto relacionados a faixa etária (crianças, jovens e adultos); para se desenvolver práticas mais condizentes e direcionadas ao desenvolvimento necessário para cada fase em particular; tal como uma segunda divisão de acordo com o nível de autismo (leve, moderado e grave) de modo a contemplar e atender a amplitude do espectro em todo o seu segmento, possibilitando o uso de práticas e ferramentas mais assertivas, visto que serão orientadas ao nível e apoio exigido através da divisão.

No método ROMITA para crianças, o lúdico terá papel principal em todos os níveis descritos, onde os

estímulos sensoriais, sociais, e interações com o meio serão desenvolvidas através de jogos e brincadeiras. Estas são consideradas como práticas pedagógicas usuais na educação ambiental, no ensino inclusivo e também em intervenções psicossociais como o *Denver*, a técnica *Floortime* e as práticas no *playroom* do método *Son-Rise*.

Quanto as crianças em nível 2 e 3 (moderado e severo) que forem não verbais ou com pouco desenvolvimento da fala faz-se necessário o uso da técnica suporte *PECS* como comunicação alternativa para que ocorra a expressão e socialização.

Entretanto por se tratar de uma metodologia estruturada na educação ambiental que acredita no potencial do ambiente para incluir e ofertar diferentes estímulos naturais é indispensável que a sua aplicação não se restrinja a ambientes fechados, específicos e sem qualquer tipo de distração, modificando assim a maneira e o ambiente em que atualmente são ocorridos.

A proposta é de que o ROMITA seja realizado em ambientes naturais e/ou ambientes representativos do dia-a-dia. Não sendo possível o ambiente real recomenda-se que possibilite a oferta de objetos e sensações que representem o mais próximo possível da realidade, fugindo do campo das abstrações, facilitando a compreensão do aprendizado, das relações presentes e de um desenvolvimento mais significativo através da emoção e sensibilização. Vale salientar que essa adaptação de ambiente refere-se as três divisões da prática Romita: para crianças, para jovens e adultos.

A falta de conexão, adaptação e interação do corpo ao meio resulta nas falhas sensoriais. Acredita-se no potencial de resgatar-se essa conexão através da educação ambiental e da topofilia; laço afetivo da pessoa com o lugar; utilizando o meio ambiente e seus recursos naturais como um potencializador de estímulos e

significâncias visto que um elemento pode ser associado a um princípio.

A partir de uma frequente estimulação sensorial propiciada pelas ferramentas descritas é possível através da neuroplasticidade que ocorra uma reorganização do processo neurológico interferindo na integração sensorial do ser aos fatores ambientais, resultando em mudanças nas respostas aos estímulos do ambiente.

O ROMITA para jovens e adultos nível 1, através da identificação dos interesses e hiper focos pessoais visa propiciar práticas das habilidades sociais e desenvolvimento da autonomia com auxílio da técnica suporte *Teacch* para facilitar a visualização e criar uma rotina para ensino de práticas sociais esperadas. No grau leve em que não há atraso da fala e há certa comunicação social objetiva-se através de práticas de EA como passeios, oficinas, conversas e atividades de simulação e práticas cotidianas contribuir nas suas dificuldades que normalmente se encontra na compreensão da comunicação não verbal (compreensão de gestos e expressões faciais), compreensão de metáforas e duplos sentidos, interação em grupos, fazer e manter amizades, falta de intuição social e identificação de sentimentos associados com os problemas sensoriais frente as relações e convívios em ambientes que podem ser altamente estimulantes.

Já o ROMITA para jovens e adultos nível 2 visto que para socialização há uma necessidade de intenso apoio dificultando o processo de autonomia, o foco será em propiciar práticas das habilidades sociais e desenvolvimento sensorial. Como no nível 2 pode haver todas as dificuldades já descritas em nível 1 associadas a limitação na comunicação; podendo ser não verbais; além do emprego do *Teacch* faz-se necessário o uso da técnica suporte *PECS* de comunicação alternativa para possibilitar que ocorra tais atividades para o desenvolvimento de habilidade social. O nível 3 normalmente

esta associado a atraso intelectual e possui necessidade de apoio e monitoramento constante logo o foco será no estímulo sensorial, a relação com o meio e o desenvolvimento das emoções e relações visto que atividades de autonomia não se aplicariam.

CONCLUSÃO

Acredita-se que o papel da educação ambiental no desenvolvimento e inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) pode ser o diferencial metodológico da proposta visto que compreende o autismo como uma característica e prioriza assim enxergar além do transtorno, mas primeiramente como um ser humano que possui seus anseios e vontades acreditando nas suas capacidades, habilidades e nos caminhos a potencializa-las, compreendendo que assim como todos, há fragilidades e dificuldades a serem desenvolvidas e que seus comportamentos, tais como estereotípias tratam-se dos reflexos da disfunção sensorial. Assim o método proposto diferencia-se, pois não emprega-se na condenação e modificação de comportamento autísticos mas sim na compreensão dos fatores que estão desencadeando aquela ação e nos sentimentos que são gerados para atuar na estimulação dos sentidos ofertados pelo próprio ambiente através da EA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa na modalidade de bolsa de Iniciação Científica. A minha orientadora Profa. Dr. Lubienska Cristina Lucas Jaquiê Ribeiro pelo apoio e auxílio durante o desenvolvimento do projeto. A professora e escritora Ivânia Hebling pela parceria, confiança e oportunizar minha participação no projeto Encontro de família de autistas.